

## FEMININO E DESCONSTRUÇÃO

RODRIGUES, CARLA. **Feminino e Desconstrução. Duas palavras para o feminino: hospitalidade e responsabilidade.** Rio de Janeiro: Nau, 2013. 224 p.

Magda Guadalupe dos Santos\*  
Sérgio Murilo Rodrigues\*\*

O livro de Carla Rodrigues, publicado em 2013 pela Nau Editora, do Rio de Janeiro, propicia aos leitores uma das instigantes correlações da filosofia contemporânea, concernente ao liame teórico das teses sobre o feminino e a Desconstrução tal como pensada por Jacques Derrida. Nessa seção da Revista *Sapere Aude* reúnem-se distintas resenhas sobre o livro, com a intenção de oferecer aos leitores pontos de análise de alguns de seus capítulos, evidenciando tanto sua complexidade temática, quanto suas proposições e reflexões.

As várias resenhas que aqui se apresentam, a saber, a de Bernardo Lins Brandão (UFPR), de Gabriela Lafetá Borges (UFMG), de Bárbara Bastos do Nascimento (FMD-PUC MINAS), de Isabel Bordini (UFPR), de Othávio Bambino (IFTDJ-PUC MINAS), e de Yasminn Barbosa (FMD-PUC MINAS), modulam recortes diferenciados e de perspectivas diversas da obra. Cada uma das resenhas traz em si o valor das análises críticas em torno aos problemas aguçados pela Desconstrução. Discutem as teorias presentes na obra resenhada e indicam perspectivas interpretativas que nem sempre ou não necessariamente coincidem entre si. Escritas a várias mãos, as resenhas aqui apresentadas remodelam os tópicos de análise da obra de Rodrigues, indicando suas nuances valorativas e interpretativas, explorando possibilidades de ampliação de termos e de significados, de

---

\* Professora doutora do Departamento de Filosofia, IFTDJ-PUC MINAS

\*\* Professor Mestre do Departamento de Filosofia, IFTDJ – PUC MINAS

misturas e deslocamentos conceituais e, sobretudo, o questionamento do lugar do feminino na cultura.

A obra de Carla Rodrigues traz, entretanto, muito mais do que hipóteses interpretativas, mas o próprio projeto da Desconstrução em abrir-se a temas dialógicos, que realça o valor da escrita, das perdas, da miserabilidade do que se desvia da *phoné* autorizada pela cultura. Abrindo-se às várias vozes e escritas temáticas que se inserem nos rastros da textualidade, a obra de Carla Rodrigues nos encanta pela delicadeza da escrita, da competência de indicação de feixes correlacionais de problemas filosóficos discutidos ao longo da segunda metade do século XX pela Desconstrução.

De fato, a sua proposta é ousada, pois parte de tese doutoral em filosofia, na qual dispõe de uma forma dialógica e acessível tanto questões metodológicas, quanto questões acadêmicas relativas ao pensamento do feminino, o que na filosofia de Derrida surge como ética e política ou, nos termos derridianos, como “hospitalidade incondicional e responsabilidade infinita” (RODRIGUES, 2013, p.15). Justamente porque não entende mais ser sustentável a defesa de um suposto sujeito mulher inverso ao sujeito homem, Carla Rodrigues se propôs um chamado do *outro*, em sua singularidade ética, trafegando pelos quase-conceitos derridianos que apontam criticamente as formas de categorização do ser, do humano, indicando potencialidades outras, novos espaços de debates e argumentações nos quais se inserem as teorias feministas e as discussões do *falofonocentrismo* da cultura e tradição.

Essa questão dialógica do feminino e da Desconstrução, das teses feministas frente aos quase-conceitos na filosofia de Jacques Derrida já tem sido desenvolvida amplamente nos vários textos de Rodrigues. Especificamente em “Mulher, verdade, indecidibilidade”, artigo que compõe o livro *Espectros de Derrida*, organizado por Paulo Cesar Duque-Estrada e publicado também pela Nau Editora em 2008, esse confronto dialógico já aparece lentamente realçando a *indecidibilidade* dos conceitos “como parte integrante do pensamento” (RODRIGUES, 2008, p.103). Nesse artigo, Rodrigues estabelece diálogos não apenas entre as teorias feministas e a Desconstrução, mas entre filósofas, como Gayatri Spivak e Mónica Cragolini, que igualmente aguçam as questões pontuais da Desconstrução a partir dos textos de Derrida.

Já em 2013, nos vários capítulos da obra resenhada, nossa autora discute as aproximações da Desconstrução com os mestres da filosofia, entre eles, Friedrich Nietzsche, pelo viés do questionamento da *verdade*, pela renomeação da *arkhé*, não como princípio originário e fundamental, mas como suplemento de origem, como um jogo de diferenças que se embaralham e que não mais se defrontam como opositivas entre si. Nos textos de Nietzsche, Derrida identifica tanto elementos falocêntricos, quanto “efeitos desconstrutivos” que são demonstrados na leitura de *Éperons* (RODRIGUES, 2013, p.57).

Também no texto de 2008, o problema da *verdade* e sua correlação com a mulher e o feminino se delineiam, e a interlocução com a filosofia de Nietzsche já aparece como um desafio a ser enfrentado pela Desconstrução. Derrida, ainda em *Éperons*, entende não haver *verdade* da mulher, justamente “porque esse afastamento abissal da verdade, esta não-verdade é a ‘verdade’. Mulher é o nome desta não-verdade da verdade” (DERRIDA apud RODRIGUES, 2008, p.108). Justamente porque em Derrida a *verdade* não tem lugar é que a mulher surge como uma possibilidade de *verdade*, sempre tomada pela tradição como um não-ser, não-lugar, um vazio à espera de um preenchimento pleno de sentido e valor.

Na obra de 2013, ao repensar o feminino pelo viés da *hospitalidade* e *responsabilidade*, novas hipóteses de dicção se prenunciam, por meio de uma releitura de Derrida não apenas da filosofia de Nietzsche, com lentes que o aproximam e afastam de Heidegger, como também da filosofia de Emmanuel Levinas. A dissimetria absoluta em relação ao todo, ao totalmente *outro*, tal como se encontra no pensamento do filósofo lituano, atua em conformidade com uma resposta à alteridade. Contudo, não parece simples ou fácil à autora escrever sobre o feminino a partir da filosofia de Levinas (RODRIGUES, 2013, p.91). Os riscos de leituras essencializantes do feminino são sempre constantes. Entretanto, Rodrigues não foge à luta por temor a tais riscos; antes, ampara-se na filosofia de Drucilla Cornell e tenta evitar as armadilhas substancialistas a que uma leitura superficial da filosofia de Levinas poderia conduzir. Carla Rodrigues tenta aproximar o pensamento de Jacques Derrida ao das teorias feministas pela via indicada por Cornell, a “remetaforização” do mito do feminino, sem permitir que novos riscos de captura essencialista ocorram, sem se deixar levar pelo ato de enfeixar o discurso feminista por meio das armadilhas das estruturas falocêntricas (RODRIGUES, 2013, p.92).

De fato, trata-se de uma obra em que desafios conceituais desfilam pelas possibilidades de leituras acerca dos limites da razão e da universalidade, outrora tomadas como uma díade imprescindível à dimensão conceitual da filosofia, e na atualidade repensadas enquanto um porvir de aberturas ao mais além.

Os quatro capítulos da obra (*os pais do logos; entre véus e velas: feminino e indecidibilidade; de volta à costela de adão; duas palavras para o feminino: hospitalidade e responsabilidade*) e, finalmente, em termos de uma (im)possível conclusão, *luzes por vir e os limites da razão*, demonstram a tenacidade de uma escrita preocupada em capturar o movimento contínuo do pensamento sem se fixar num fundamento improvável, em razões fundantes e canônicas que cerceiam novas formas de ser e de pensar. Esse movimento que possibilita a releitura dos limites da razão ocidental é também o que torna possível a diferença, o valor da escrita e do feminino frente aos ditames da presença, da *phoné* e do falocentrismo da cultura. Este é também um movimento de *transgressão*, tal como o analisa Rafael Haddock-Lobro em seu livro *Derrida e o labirinto de Inscrições* publicado em Porto Alegre pela editora Zouk em 2008. Movimento que realça o limite e as margens do pensamento revistos pela Desconstrução e que interroga as oposições e a situação fundamental e centralizadora.

Como um apelo à singularidade, o livro de Carla Rodrigues é, certamente, transgressor e bastante específico, pela abertura de suas propostas e pela coerência de suas análises, sem pontos finais e impositivos, mas com pontuações certeiras que deixam em aberto leituras e diálogos com o *outro* que habita o texto, a filosofia e o próprio eu.

As várias resenhas que aqui se apresentam buscam cobrir de forma cuidadosa alguns desses aspectos que Carla Rodrigues nos leva a problematizar e mesmo a adotar como um risco de encontros e desencontros de leituras e entendimentos sobre os vestígios da Desconstrução e sua relação dialógica com o feminino que subsiste a cada um/a de nós.

